



NÚMEROS DO BRASIL EM 1997

Os números da economia brasileira, nesse primeiro mês do ano, são assustadores. Em apenas sete dias, os primeiros de 1997, 3.758 cargos de trabalho foram eliminados na Grande São Paulo, região em que o total de desempregados já passa de um milhão e 300 mil pessoas. A inflação no País – cuja baixa fora comemorada pelo governo, em dezembro de 1996 – chegou nesse primeiro mês, a 1,82%. Mas o Banco Bradesco, obteve, naquele ano, R\$ 852 milhões de lucros líquidos. Tudo, ou quase tudo, graças à política de juros altos do governo, embora o presidente Fernando Henrique, diversas vezes, tenha afirmado que sua política econômica é boa para o povo e ruim para os banqueiros. Lembrem-se da explicação de FHC para o Proer?

No ano passado, a receita total dos principais produtos agrícolas do País, segundo o economista Fernando Ho-

mem de Melo, da USP, ficou em R\$ 14,5 bilhões, contra R\$ 18,5 bilhões em 1994. Por outro lado, em 96, o governo gastou, em saúde, menos 7,6% do que em 1995. O saldo negativo na balança comercial foi de US\$ 5,5 bilhões. Até novembro de 96, o rombo nas contas externas do governo foi de US\$ 19 bilhões, comprometendo – segundo os dados oficiais – 1,67% do PIB para financiá-lo. A queda na massa de salários no Brasil, no ano passado, foi de 3%, em comparação com o ano anterior. Só em São Paulo, segundo a Associação Comercial do estado, foram decretadas 14.376 fa-lências em 96, o que corresponde a 4151% de aumento em relação a 1995.

O nível de vendas de tratores e máquinas agrícolas, em 96, caiu 4,6% em relação a 1995 e mais de 70% em comparação com 1994. Tal queda, segundo Rasso von Reininghaus, da New Holland, baixou as vendas ao nível do que

era vendido no Brasil em 1963.

Medicamentos obrigatórios para portadores de doenças crônicas, como dieta para alimentação naso-enteral, haviam aumentado de preço em junho do ano passado, mas, em janeiro corrente, esses produtos – todos fornecidos por grandes laboratórios internacionais – tiveram novo aumento de 6%. O preço do frango dobrou no período de um ano, a gasolina subiu de preço, várias tarifas de serviços também aumentaram e só os salários dos trabalhadores e as aposentadorias de 16 milhões de brasileiros não foram corrigidas. O governo insiste em que tudo está bem, mas nada melhorou no ensino e na saúde, em segurança e habitação. Satisfeitas, mesmo, estão as grandes corporações e as classes ricas, que, em relação aos mais pobres, segundo as estatísticas, ficaram ainda mais ricas em 1996. (RAL)